

A SEMANA

GAZETA LITTERARIA

Fundada por Valentim Magalhães

ANNO IV

RIO DE JANEIRO, 7 DE JANEIRO DE 1888

DIRECTORES-PROPRIETARIOS J. BORGES CARNEIRO E BELLARMINO CARNEIRO

VOL. IV-N. 158

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA - RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

SUMMARIO

Expediente.....	
A poesia em suas relações com a função genésica.....	Araújo Junior.
A marmitta.....	Barão de Paranapiacaba.
Estudos de Litteratura Brasileira.....	Sylvio Romero.
Lalle, soneto.....	Isidoro Martins Junior.
Etymologias brasileiras.....	A. J. Macedo Soares.
A folha, poesia.....	Horacio de Carvalho.
O sandalo.....	Virgilio Varzea.
Dulce, poesia.....	Arthur Mendes.
Quadros negros.....	J. Norberto S. S.
A um suicida, poesia.....	Medeiros e Albuquerque.
A sempre-viva.....	Analia Franco.
Embraguemo-nos, soneto.....	Alcibiades Furtado.
Poetas mineiros.....	Lafayette de Toledo.
Conversas de amor, soneto.....	Mario Pederneras.
A vida nas praias.....	Cruz e Souza.
Carta de amor, soneto.....	Carlos Luiz.
A mulher é uma mercadoria.....	A. P. Rocha.
Theatro e diversos.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE E NICHEROY

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

A Empresa roga encarecidamente aos Srs. assignantes em atrazo a fineza de satisfazerem os seus debitos para evitar interrupção na remessa da folha

O pagamento de assignaturas pôde ser feito por intermedio das agencias do correio.

São agentes litterarios da *Semana* os Srs.:
J. Verissimo de Mattos, nas cidades de Manaus e Belem.

Dr. José Izidoro Martins Junior, na cidade do Recife;

Max Fleiuss e Octavio Mendes na cidade de S. Paulo.

Virgilio Varzea, na cidade do Desterro.

F. Xavier Marques, na cidade da Bahia.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Symphonias*, versos de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Poemas e Idylls*, versos de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Viere.

— *Visões de hoje*, versos de I. Martins Junior, 2ª edição.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offerecemos um dos seguintes livros como brinde:

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

A poesia em suas relações com a função genésica

Por mais paradoxal que pareça a theoria que vae ser objecto deste artigo, posso garantir que ella é o substractum de coisas muito velhas, o residuo depositado no espirito humano pelo bom senso e pela experiencia de todas as épocas.

O paradoxo não é muitas vezes se não o resultado de um desencontro de linguagem, uma deslocação, não do objecto, mas do ponto de vista; e neste caso, basta uma simples inversão para que os divergentes, como os dois cavalleiros de Ariosto que se batiam pela cor de um escudo, entrem logo em accordo, reconhecendo a sem razão da lucta.

E' assim, por exemplo, que vimos no primeiro Congresso de Anthropologia Criminal de Roma (1885) levantar-se um professor da Universidade de Hamburgo, o Sr. Albrecht, e declarar perante uma reunião de sahios, que se manifestava francamente darwinista pelos órgãos illustres de Lomhroeo, Ferri, Garofalo, Sergi, Moleschott e outros. que seria um erro considerar o homem um derivado simiano, desde que pela anatomia comparada se consegue demonstrar que o homem não só ainda é um macaco, como é um macaco degenerado. E quando o notavel anthropologista se esforçava por levar a sua thesa á evidencia, mostrando que não é o criminoso, fora dos casos pathologicos, que constitue a anomalia, mas o homem honesto, producto do desenvolvimento philogenetico do anthropoide, na época em que este foi impellido a deixar a vida solitaria e a formar o estado, não seria difficil chegar se, em ultima analyse, a conclusão de que o seu desaccordo com os chefes da escola positiva era mais apparente do que se pensa, logo que se attendesse a circumstancia de que, degenerencia alludida podia reduzir-se, em termos explicitos, aos effeitos da selecção social.

Ora, a genese do estado poetico, tal qual eu a comprehendendo, é um conceito contido em todas as concepções religiosas e philosophicas que tem existido desde a mais remota antiguidade até hoje. Ella apparece tanto na trimourti vedica, na harmonia das espheras e metempsychose de Pythagoras, nos mysterios de Isis, na dualidade zoroastriaca, como na idéa de Platão, nos turhilloes de Epicuro, nas leis de Newton e Kepler, e na theoria da persistencia da força, integração da materia e concumitante dissipação do movimento, de Spencer. O espirito humano, como manifestação de uma raça, progride em uma linha determinada; entre um mytho selvagem e um aphorismo philosophico moderno a differença não é tão fundamental como muita gente suppõe. As superstições mythicas não paesam, na opinião de J. Fiske, Mannhardt, Tylor, Lang, Bergaigne e outros, de uma explicação primitiva de um phenomeno natural, formulada por individuos incapazes de elevarem-se a noção abstracta das forças naturaes. Contudo o movimento é sempre o mesmo. O novo ponto de vista, pois, em que me colloco para encarar uma questão tão debatida não constitue uma insurreição: ao contrario disto é uma indução tirada de factos observados pelos competentes; é a deducção logica de habitos mentaes já muito conhecidos.

Comprehende-se, porem, quanto seria fastidioso e inutil procurar a ligação do facto esthetico com essas leis geraes que se perdem nas fronteiras da incondicionalidade do pensamento. Se já na nebulosa existia um broto de poesia, é curiosidade esta

que pouco ou quasi nada influiria na demonstração da idea que me agita. O meu proposito é traçar simplesmente um rapido capitulo de psychogenia, e para isso basta-me remontar ao momento da evolução, em que a vida animal se denunciou de um modo apreciavel e tangivel.

*

A poesia é simplesmente uma transformação do sentimento da força, si é que não reside inteira nesse movimento psychico. Tomada soh esse aspecto, a poesia não é outra coisa se não uma irradiação organica; dadas certas e determinadas condições, a resultante da circulação da vida na sua maior intensidade relativa. Cada individuo ou vivente traz no respectivo systema nervoso carga de electricidade sufficiente para a produção desse estado dithyrambico, que todo mundo mais ou menos vagamente conhece; e não ha quem ignore qual a da flacidez organica, que acompanha o estado opposto, apenas ao erethismo dos centros succede a degenerescencia ou se desenvolve a incapacidade do agente.

A amplitude da força traz como consequencia inevitavel a alacridade de todo o organismo. Percorre-o uma vibração indefinivel, e a vida, em sua intensidade, diffunde-se naturalmente nas eloquentes manifestações desse estado physiologico, o mais affirmativo de quantos denunciam o poder elaborativo e transformista da natureza, ao contrario do que succede quando dá-se depressão da energia, quando apparecem a hypocondria e todos os outros precursores do aniquilamento e da morte.

Em tudo isto opera-se um jogo visceral muito complicado que seria difficilissimo acompanhar. O que, porem, não entra em duvida é que, si esse estado dithyrambico é um facto real, não menos certo é que tal estado nunca deixa de resolver-se em uma descarga, mais ou menos completa, dos centros nervosos. phenomemo este que, nas naturas superiores, nos artistas, toma mais commumente as formas que se assignalam com o nome de manifestações da arte.

Neste ponto é precieamente que incide a theese ou o paradoxo de que me occupo.

Que relações, pergunta-se, podem existir entre a poesia e a função genésica, de modo a merecerem curiosidade do philosopho e as honras de uma tentativa theorica? Respondo:—aa mais estreitas e profundas; e que aquella função é tão easencial á natureza humana, que quasi poder-si-ia dizer, como a respeito do equilibrio organico e da energia vital, que até com ella se confunde. E quando nada será o seu aferidor.

A importancia desse phenomeno não passou despercebido ao sabio anthropologista Mantegazza, o qual, em sua *Physiologia do amor*, na parte em que trata das relações deste sentimento com o pensamento, indica á critica litteraria um novo caminho, ao seu ver, cheio de admiraveis pontos de vista physico-psychologicos para as questões de esthetica.

«A influencia do amor, sobre a força, diz elle, e sobre a forma do pensamento é dnpla. Como sentimento, quer nasça na juventude, quer rejuvenesça na velhice, todo seu valor consiste nas excitações que provoca, sobretudo na pbantasia, afluindo as aptidões para a reprodução do bello, exaltando, em uma palavra, essas aptidões mentaes, que de ordinario chegam ao apogeo na idade em que o amor desenvolve a sua maxima energia.»

«Não ha possibilidade, continua o mesmo autor, de chegar a ser um grande artista, ou um

grande poeta, si esses talentos não forem impellidos por uma correspondente capacidade de amor. A castidade, imposta ou voluntaria, pode eclipsar o amor, mas no fundo do coração sobreviverá uma imagem, mais visinha do anjo do que da mulher, que estará sempre prompta, ao lado do genio, nos momentos de inspiração, para inflamar o fogo sagrado da arte, no canto lyrico e no traço do pincel. O genio dos maiores poetas, artistas ou escriptores encontrou no amor o primeiro companheiro, o excitante soberano; e é bem para crer-se que sem este sentimento seus nomes seriam totalmente ignorados. O amor que nasce em um cerebro sublime, accumula forças gigantescas, e aperfeiçoando-as, duplicando-as, transforma-as no genio... O amor feliz e triumphante eleva todos os cerebros acima da temperatura media e os torna fecundos em novas energias».

Todavia Mantegazza tomou o facto muito em abstracto; para elle o amor é apenas um accidente favoravel á poesia lyrica, variavel e dependente de circumstancias especiosas. A questão, porém, como eu a encaro, é mais uma questão de dinamica, do que de concurso accidental de forças. O amor, ou melhor a função genesica, é o substractum, o elemento propulsor e inaccusante de toda e qualquer manifestação poetica; e o *canto anacético* do forte, do que sente-se viver, do victorioso, é um facto geral, que abrange toda a natureza. *Vae vicis*. Eis o ponto de partida.

(Continúa)

ARARIPE JUNIOR.

A MARMITA

(AULULARIA)

COMEDIA EM CINCO ACTOS

DE

MARCO ACCIO PLAUTO

Com o complemento de Urceu, o grammatico

Traduzida em versos portuguezes

PELO

Barão de Paranyjacaba

ACTO 1.^oScena 1.^a

EUCLÃO E STÁPHILA

Rua! Já disse que saias!
Põe-te fora! Saes, ou não,
Infame espia de saias,
Com teus olhos de furão?

STÁPHILA

Porque daes tanta pancada
Nesta misera infeliz?

EUCLÃO

P'ra que sejas desgraçada,
Como a teus annos condiz

STÁPHILA

Porque me fechaes a porta?

EUCLÃO

Não te dou satisfações.
O motivo? Que te importa,
Armazem de bofetões?
Vamos; puxa! Da outra banda!

(Apontando para o outro lado da rua)

Como vae a remanchar!
Que lesma! Arrasta, não anda...
Espera! Vou te ensinar!
Vergalho ou pau de avelleira,
Que ao mais preguiçoso estaga,
Ha de mudar em carreira.
Teu passo de tartaruga.

STÁPHILA (A parte)

Antes fosse minha sina
A um patibulo subir,
Que a um senhor tão sarrazina
Em taes condições servir!

EUCLÃO

Vae resmungando a insolente!
Furo-te os os olhos no dia!
Respirarei livremente
Sem ter ao lado uma espia.
Para mais longe; abre espaço
Mais... ainda mais... Basta, basta!
Ai de ti si arredas passo.
Si teu pé d'ahi se afasta,
Inda que seja a largura
Deste dedo ou desta unha!
Ai de ti si, por ventura,
Querendo ser testemunha
Do que eu faço, te lembrares
De olhar p'ra traz sem licença!
Volve um só desses olhares...
Nua cruz serás suspensa.

(A parte)

Oh que velha! Em minha vida
Eu nunca vi peste assim!
Talvez do arcano instruida,
Por phrases que ouviu de mim,
Saiba onde guardo a marmita.
Não ponho duvida nisso;
Aquella brucha maldita
Tem olhos té no toitiço.
Vou vér si está meu thesouro
Tal e qual como o deixei.
Causa-me a guarda deste ouro
Sustos que nunca passei! (Sae)

STÁPHILA (só)

Por Jove! Não sei que diga!
Meu senhor tem cousa má!
Ou a loucura o fustiga,
Ou enfeitado está.
Prézo de estranha vertigem,
Põe-me dez vezes na rua;
E' desta mania a origem
A febre, que nelle actua:
A' noite faz sentinella;
Passa em casa o dia inteiro,
Qual, maejando a sovella,
Aleijado sapateiro.
Mas de que modo occultar-se
De minha senhora o estado?
Eu não descubro disfarce,
Por mais que o tenha buscado!
O seu termo já se adianta,
E tenho alfin resolvido
Fazer, de corda á garganta,
De meu corpo um f comprido.

(Continúa).

Estudos de Litteratura Brasileira

JOAQUIM MARIA SERRA SOBRINHO

Acontece á poesia o que se dá com a moral, cujo imperativo categorico, segundo Kant é— «procede de modo tal que o motivo de tua acção possa servir de fundamento a uma lei universal.»

O philosopho quiz dizer— que tão elevado, tão nobre, tão desinteressado deve ser o movel da conducta de cada um que este movel possa servir de norma para as acções de todos. Essa possível generalidade é que nos interessa aqui.

Em poesia deve-se dar alguma coisa de analogo; deve haver tambem uma especie de *imperativo categorico* para a arte moderna. «Emociona-te e produz de maneira tal que o estimulo do tua emoção e de tua obra— possa servir de norma a uma esthetica universal.»

Isto não importa de modo algum a proscricção do *individualismo*, do *nacionalismo*, ou toda outra

qualquer diferenciação justa, necessaria e habil na litteratura e na arte; não importa absolutamente a absolvição de certo universalismo, certo cosmopolitismo banal e impertinente.

Bem pelo contrario; isto quer dizer que em todo e qualquer assumpto, por mais local que seja, deve-se procurar aquella face geral capaz, de interessar ao homem, a todos os homens de qualquer tempo e de qualquer logar.

Appliquemos a regra á nossa hypothese.

Compreende-se bem que si o principio da esthetica sertaneja se estendesse, se generalisasse o avassalasse todos os poetas brasileiros desde 1500 até hoje, não haveria neste mundo coisa tão insipida como a litteratura brasileira. Já se vé pois, que o principio do sertanegismo não comporta a generalisação e muito menos a universalidade.

E si o *sertanegismo*, o *campezinismo* fór daquillo que houver de mais secundario, de mais particular, de menos geral e capaz de interesse, ainda peor será elle. E deste ultimo possuimos infelizmente muitas amostras em nossa litteratura.

Em que condições então a nossa poesia campesina é aceitavel?

Só quando é capaz de amoldar-se ao que eu chamei o imperativo categorico da esthetica, só quando é susceptivel de servir de norma, de generalisar-se.

Tem ella este caracteristico quando é manejada pelos poetas de provado talento e apurado gosto artistico.

O poeta assim armado de genio toma o motivo popular, a lenda, o conto, a tradição, o costume, extrae de tudo isso a seiva poetica e dá-lhe a forma artistica geral, universal.

Entre nós Joaquim Serra é dos melhores cultivadores do genero; creio que elle e Bittencourt Sampaio são os mais eminentes que possuimos neste sertido.

Serra escreve correntemente, sem rabiscos, sem preocupações estylisticas. O verso lhe sahe natural e espontaneo; si vem errad'—, não o corrige, deixa-o ficar assim mesmo. Assim se explicam bastantes versos incorrectos em poeta tão correntio e fluente.

No genero que temos discutido o caracteristico do escriptor maranhense está em escolher sempre um facto simples e narral-o tal qual pelo seu lado mais generico; faz um esboço rapido, claro, de tom realista, n'um dezenho firme, porém elementar e sem complicações.

Por isso — *O Mestre de Resa*, *Rasto de Sangue*, *Cantiga á Viola*, *O Roceiro de Volta* — são modelos do genero. E' indispensavel cita-los para que o meu leitor se convença do que lhe affirmo.

Eis *O Mestre de Resa*:

«Era um velhinho teso
Exquisito no porte e no traj;
Por isso a villa em peso
Quando o via se punha a cochichar!

Si da lista tirarmos o vigario,
E mais o boticario,
Bem como o juiz de paz,
Era o mestre de resa
O primeiro na villa; com certeza
O homem mais capaz!

Depois d'Avé-Maria
Vem elle cada dia
Co' os meninos da villa,
E alli no largo, atraz da freguezia,
Põe todos n'uma fila:

As perguntas começam e as respostas,
E' um nunca acabar!
Os rapazes em pé e de mãos postas,
Elle em frente da linha a passear!

A resa ou é fallada,
Ou em côro cantada, uma balburdia!
Quanta doutrina nova e mascavada!
Quanta oração esturdia!

As beatas morriam de alegria
Co'o dialogo d'Eva e da serpente
E o psalmo da baleia
E a santa melodia
Dos asnos da Judéa
E magos do oriente!

Sabe o mestre umas rezas milagrosas
 Contra a faca de ponta e mau olhado,
 E cobras venenosas,
 E o jaguar a rugir esfomeado!...
 Si quereis não cair n'um sumidouro,
 Elle tem orações prodigiosas,
 Outras que fazem achar grande thesouro
 Occulto e euterrno!

Mora n'aquella casa de uma porta,
 Ao lado da ribeira;
 Na frente tem uma horta,
 No fundo uma ingazeira.

Reside alli o homem milagreiro,
 O apóstolo da roça;
 E' de velhas devotas um viveiro
 A sua pobre boça!

Salve o mestre de resa,
 Na villa personagem popular!
 Eil-o que passa... vale quanto pesa!...
 Deixemol-o passar! (1)

E' um typo este quasi desaparecido actual-
 mente das villas do interior.

Eis agora uma scena do viver das fazendas de
 criação do uorte; é o *Rasto de Sangue*:

« E' a hora do crepusculo;
 Que viração tão grata!
 Geme o riacho querulo,
 Nem um cantor na mata!

Desce a leadeira ingreme
 Um touro de repente,
 E vai nas frescas aguas
 Fartar n' sede ardente.

Os juncos tremem, subito
 Sôa medonho ronco,
 E o jaguar precipite
 Pula de traz de um tronco!

Debalde o touro curva-se,
 Recua, dá um salto...
 E' o jaguar mais flacido,
 Sabe pular mais alto!

Apriem agora a naturalidade desta scena real
 e vulgarissima na roça:

« Eil-o ahi! E' o Vicente,
 E mais o russo — queimado!
 Oh, homem, falla co'a gente!
 Venha um abraço apertado...

Que demora! Seis semanas!
 Pois patuscas n'essa idade?
 Eu aqui a plantar cannas,
 Tu folgando na cidade!

Toma a bençã do padrinho,
 Menino, deixa esse gallo;
 Moleque, sabe do caminho,
 Tira a sella do cavallo.

Solta-o depois no terreiro
 Fecha a cancella co'a tranca...
 Compadre, tome primeiro
 Um bocadinho da branca (2)

Joaquim Serra não tem tocado somente sua
 viola de sertanejo, tem maneado tambem a harpa
 das inspirações sociaes e a lyra das emoções novas.
 Neste genero são bellissimos os versos *A Minha*
Madona.

Como jornalista entretanto é que Joaquim Serra
 tem ndquirido mais intensa nomeada.

Suas primeiras armas fel-as elle no Maranhão
 desde 1859 e 1860 no *Publicador Maranhense*, então
 sob a direcção de Sotero dos Reis.

Serra, como já disse, usava então do pseudo-
 nymo de *Pietro de Castellamare*, assignando poesias
 e folhetins.

Em 1862 com alguns amigos fundou a *Coalizão*
 que advogava em politica o partido liberal; con-
 servou-se na redacção da até 1865.

Em 1867 fundou o *Semanario Maranhense*, onde
 collaboraram Gentil, Souza Andrade, Henriques
 Leal, Cezar Marques, Sotero dos Reis, Sabbas da
 Costae Celso de Magalhães, então apenas estudante
 de preparatorios. (3)

O periodo ligeiro de 1862 a 1868 o nosso jorna-
 lista passou em sua provincia, com algumas peque-
 nas estadas na corte. De cntão em diante estabele-
 ceu-se definitivamente nesta capital, onde ha feito
 parte das redacções da *Reforma*, do *Diario Official*, da
Folha Nova e do *Paiz*.

Nestas duas ultimas folhas tem sido o autor da
 interessante publicação sob o titulo de *Topicos* do
 dia. E' um artigo diario consagrado aos aconteci-
 mentos mais salientes da occasião.

Os meritos do escriptor como jornalista são de
 fundo e de forma.

O fundo é sempre apreciavel pelo bom senso do
 auctor, seu liberalismo jámais desmentido, sua ha-
 bilidade em discernir o lado franco dos planos e
 acontecimentos politicos da época.

A forma é agradável pela sua simplicidade, seu
 desalinho natural, uma das formas do humorismo
 e da ironia do escriptor.

Elle tem espalhado pelos jornaes materia para
 muitos volumes. Seria util que fizesse uma es-
 colha dos seus melbores artigos politicos e littera-
 rarios e os publicasse em livro.

Por enquanto não o tem feito e apenas lhe co-
 nheço em prosa o pequeno volume que fez circular
 em 1883—sobre a imprensa do Maranhão.

D'este livrinho recomendo especialmente os
 capitulos segundo e terceiro sobre a imprensa parti-
 daria e sobre os jornalistas eminentes no Rio de
 Janeiro e em sua terra natal.

Como documentação do estylo e das idéas do es-
 criptor repetimos aqui dois pequenos trechos.

Eis o primeiro:

« A existencia da imprensa politica é uma ne-
 cessidade urgente em todos os centros de grande
 actividade.

Em regra geral essa imprensa, que se intitula
 neutra ou imparcial, não cumpre com a fidelidade
 que fora para desejar o seu programma de inteira
 isempção de animo nas luctas que dividem a socie-
 dade. Como que ella se resente dessa obrigação que
 tinha o cidadão de Sparta de, por força, manifestar-
 se em favor de alguma das opiniões que dividiam a
 republica.

A falta de imprensa politica como que obriga
 aquella, que se diz incolor, a imiscuir-se nas con-
 tendas partidarias e a julgar dellas de um modo
 arbitrario, como quem desconbece as paixões e en-
 thusiasmos que se acham em jogo.

Ainda mesmo não filiadas aos partidos que li-
 tigam, essa imprensa neutra ou imparcial, em ma-
 teria de ensino, de religião, de escoltas economicas,
 tem sempre o seu ponto de vista especial, já advo-
 gando a não obrigatoriedade do ensino, o proteccio-
 nismo industrial, ou o privilegio de certos cultos.
 D'ahi uma falsa doutrinação dos leitores; falsa pelo
 menos perante a consciencia d'aquelles que deseja-
 riam ver sementeas idéas contrarias.

A imprensa politica tem em nosso paiz prestado
 grandes e importantes beneficios. A ella se deve
 tudo quanto de bom e salutar ha sido promulgado
 pelos poderes publicos, porque só ella tem agitado
 as grandes questões sociaes, que hoje se acham sol-
 vidadas, ou em via de solução.

O despotismo sempre fugiu della porque deve-
 lhe certas derrotas; entre nós a tyrannia encontrou
 e seu mais valente inimigo no jornalismo parti-
 dario, arma formidavel e invencivel.

Da imprensa politica depois entre nós se pôde
 dizer o mesmo que das reuniões populares na Ingla-
 terra, disse Gladstone:

« A historia do Reino Unido, nestes ultimos
 cincoenta annos, mostra como a agitação politica

favorece o triumpho das grandes causas, sem nunca
 cahir na vertigem revolucionaria. »

De facto: nos dias angustiosos que precederam a
 declaração da independencia, de que importancia
 não foi, por exemplo, o jornal de Gonçalves Ledo e
 do frade Sampaio? E ao lado do *Reverbero*,
 quanto não cooperou, em bem da mesma idéa, o
Regulador, orgão dos Andradas?

De que valia não foram, depois da fundação do
 imperio, os serviços da *Aurora*, da *Sentinella do*
Serro, do *Argos*, da *Astréa*, do *Independente*, do *Ta*
moyo, do *Observador Constitucional* e de outros esfor-
 çados athletas?

E' uma accusação sem procedencia essa que
 fazem á imprensa politica pelos excessos e, por
 vezes, intemperança da linguagem usada nas dis-
 cussões. Sem por forma alguma querer negar que ha
 ainda muito a fazer na educação politica dos par-
 tidos entre nós, é inegavel que a imprensa parti-
 daria tem os erros, exagerações e intolerancias do
 grupo que representa.

Espelho fiel da sociedade e dos interesses que
 nella se agitam, não é licito exigir da imprensa po-
 litica aquillo que ainda falta aos partidos mili-
 tantes, isto é: escola quauto a doutrinas, e respeito
 pela opinião que não é a nossa.

Fôra d'ahi, porém, cabe de direito á imprensa
 politica a maior parte da gloria pelas conquistas da
 civilização com que temos assignalado nossa vida
 publica. (4)

Ainda mais significativo é o trecho seguinte em
 que elle dá uma rapida idéa de alguns dos mais
 eminentes jornalistas nossos; por ahi pôde-se
 apreciar o escriptor no officio de critico litterario.
 — E' isto:

« Sem duvida que é para encher de orgulho a um
 paiz novo como o nosso o facto de contar, entre os
 seus jornalistas, homens da força de Evaristo da Veiga,
 Salles Torres-Homem, Justiniano Rocha e Firmi-
 no Silva, sem fallar de notabilidades que ainda vivem
 e que podem emparelhar com os mais illustres.
 Evaristo, o patriota ardente e publicista esforçado,
 elle que, no dizer de um nosso distincto escriptor,
 era a encarnação de notavel época; cujo nome sym-
 bolisa a parte mais brilhante da democracia do
 Brazil, o redactor da *Aurora Fluminense* fazia com os
 seus escriptos vibrar a alma da patria e constituia-
 se uma força decisiva nos dias do primeiro rei-
 nado.

A *Aurora* não foi somente um grande instru-
 mento de combate, foi um monumento de sabedoria,
 e de elegancia litteraria.

Salles Torres-Homem, esse artista da palavra,
 cujo estylo brilha e fere como o raio, esse pensador
 profundo foi escriptor de tempera forte. Pam-
 phletista como Carmenin, seus artigos, quer nos jor-
 naes litterarios quer nos jornaes politicos, são pro-
 ductos de grande valor em qualquer tempo e em
 qualquer paiz.

Justiniano José da Rocha, o discutidor mais
 eloquente e illustrado que temos tido, de uma fe-
 cundidade seductora, espirito de lucidez pasmosa,
 de verbo crystalino e vibrante; e Firmino Silva,
 intelligencia alimentada em solidos estudos, ta-
 lento brilhante e de grande ductilidade, são nomes
 que o jornalismo fluminense archiva no livro de
 seus brazões e fidalguia.

Não menos illustre que qualquer desses, José
 de Alencar fulgiu na imprensa da capital do im-
 perio como luminoso pbarol. Ninguém melhor do
 que elle tratou com erudição de qualquer assumpto
 doutrinario, ninguém elevava a mais alto grão a
 critica litteraria, e, na polemica incisiva, quer
 apaixonado ou humoristico, era elle um batalhador
 enorme, de phrase máscula e scintillante.

E mais Tavares Bastos, pensador eloquente e
 inspirado, cujo estylo vale o bronze.

Pois, bem, lá no extremo norte fulguraram
 tambem outras estrelas que pôdem, sem grande
 desvantagem, compstir com estas da constellação
 jornalística que fulgiu no Rio de Janeiro.

Tanto nos dias dificeis que seguiram a inde-
 pendencia, como durante as despoticas obstinações
 do primeiro reinado; na época agitadaissima da mi-
 noridade, como no periodo decorrido depois do —

(1) Quadros, pag. 42.

(2) Quadros, pag. 52.

(3) Consulte-se o livro de Ignotus já citado.

(4) Sessenta annos de jornalismo — *A Imprensa no Ma-*
ranhão, (1820—1880) pag. 75.

Quero já — que abriu o reinado actual: em todas essas quadras tem o Maranhão possuído jornalistas notáveis e uma imprensa recommendavel pelo patriotismo, saber e bom gosto litterario.

Sem querer formar parallelos e approximações, podemos todavia dizer que, a cada uma dessas grandes individualidades que apontamos, como os primeiros vultos do jornalismo que teve sua sede na Corte, corresponde um nome, uma capacidade, em tudo semelhante, na imprensa do Maranhão.

E' assim que, a Evaristo podemos oppôr José Candido ou Odorico Mendes; a Torres-Homem e Justiniano Rocha, João Lisboa ou Sotero dos Reis. (5)

Em resumo; Joaquim Maria Serra é um distincto poeta e um assignalado jornalista.

Robusto, alegre, expansivo, seu bom humor habitual, deixando intactas suas primitivas impressões, encontrou-o na região aprazivel do lyrismo patrio e do liberalismo tradicional, e preservou-o de innovações perigosas e precipitadas.

A invasão das idéas novas espalhadas pela philosofia deste ultimo quartel do seculo tem se feito nelle cautelosa e demoradamente, sem desmoronar de subito e de vez o antigo edificio de suas crenças e intuições.

Bem pelo contrario, apesar de ter muito lido e se haver illustrado bastante, pôde-se em rigor dizer que fundamentalmente o seu espirito conserva a mesma frescura primitivas.

(5) *Idem*, pag. 103.

SYLVIO ROMÉRO.

LALIE

(Reminiscencia do *Assommoir*, de Zola)

Tinha um olhar tão vago a pobresita
Que parecia o de uma estátua antiga.
E quando o pae, rubro de vinbo, em grita,
Vinha puchar-lhe a saia de mendiga

Para batel-a, hallucinando, cêgo;
— Elia, coitada! nem siquor fugia.
Mostrava apenas o profundo pégo
Dos seus dois olhos onde a dôr cobovia...

E, com o carvão da tremula pupilla,
Era depois, a meio já tranquillã,
Que ella aquecia os frios irmãsitos;

Até que um dia, indo espancal-a o pae,
LALIE morreu, gemendo triste um aê
E olhando meiga os magros pequenitos!...

Recife.

IZIDORO MARTINS JUNIOR.

ETYMOLOGIAS BRAZILEIRAS (*)

Cabra s. 2, adj. 2-1) quarteirão de mulato com negro; mulato escuro; caboclo escuro. « Resolve-se a chamar—De Pajehú um vaqueiro.—Dentre todos que lá tinha—Era o maior catigueiro.—Chamava se Ignacio Gomes.—Era um cabra curiboca, —De nariz achamurrado, — Tinha cara de pipoca. » S. R. *Cant. I*, 75. « Não achando nestes honrados homens consentimento para uma tal maldade, serviram-se em ultimo remedio de um homem cabra de nome José Vieira Braga, famulo assalariado de Maria Ferreira Leite. » 1824 Ant. Barb. Correia, *Manifesto ao Grão Brazil*, pag. 43. Era neste sentido que os portuguezes, nas lutas da nossa In-

Entr. do *Dioc. Brazil, da Ling. Port.*

dependencia, parodiavam a popular quadrinha do nosso hymno *Brava gente brasileira*, esta sorte: « Cabra gente brasileira,—Descendente de Guiné! —Trocarem aa cinco chagas—Pelo fumo e o café. » Ass. Br., p. 70. Esqueciam-se que elles primeiro se amulatarem na Angola do quo no Brazil.—2) O proletario de alguns sertões do norte, e particularmente de Pernambuco e Ceará, — *caipira* de S. Paulo, *caboclo* de outras partes, *restingueiro* do littoral do R. Jan. « Indistinctamente entre o povo (do Ceará) chama-se *cabra* a qualquer homem sem offendê-lo. O cabra é bom! é máu! é temêro, isto é, o homem é valente. » Juv. Gall. *Lend.* p. 411. « O fama do o Rio-Preto.—Um cabra tão cantador, — Descobriu por bocca propria,— Que era atraídoador, » Sylvio Roméro 34.—3) Valentão, brigador, capanga. « Encontrei-me cara á cara—Com o cabra topetudo.—Não sei como nesse dia — Alli não se acabou tudo! » Sylvio Roméro *Cant. I*, 76.

ETYM. *Cabras*, *Cabaras*, são os habitantes, quasi negros, da margem direita do Niger, vizinhos dos *Bambaras*, por 17° lat. N. e 4° lg. Occ. Paris. Compare *caboverde*, *canarim*, *congo*, *fulo*, *ganguela*, *rebole*, etc.

Fulla adj. 2.

Fulo adj.—1) côr de mulato escuro-avermelhado, preto-amarelado, como são os *Fulbé* ou *Fullas*, pl. de *Pulo*, nação da Africa occidental, situada entre o Senegal e o Niger, vizinhos dos Mandingas; cabellos crespos, mas não lanzudos como os dos negros: côr parda clara, ou antes avermelhada; face orthognata; nariz pequeno, cartilaginoso e aquilino; cara agradável; mais intelligentes, e em geral de melhor character que os negros. Faidherbe, p. 13. « O Leutero (sic)... um liberto fula, carapinha cortada rente. » Val. Mag. in *G. N.* 23 mr. 84. —2) Fig. amarello, pallido, branco, em consequencia de raiva, de molestia, etc. « Fullo de raiva, com uma faca na mão direita e uma pistola na esquerda, o preto Serafim atirava-se irado sobre Alberto. » Red. *G. N.* 15 jan. 84.

ETYM. Afr., sg. *pulo*, pl. *fulla*. Aulete, derivando de *Pullo*, não é correcto; pois o vocabulo tem no sg. um só l, e dois no pl.

GEOR. Commum em todas as provincias.

ORTHOGR. A fórma em *a*, *fulla*, requer *ll*, pois corresponde ao pl. de *pulo*; *fulo*, porém, corresponde a este sg., e não pôde ter sinão um l.

A. J. DE MACEDO SOARES.

A FOLHA

Foi numa tarde. Das auras
que passavam uollemente
vi-te o bafejo inspirando
do lago á margem virente...

E no balanço da brisa
veiu uma folha librada
que sobre o crystal cahira
da superficie espelhada.

Si eu fosse a folha viajante
que veiu da serrania,
— em vez do seio das aguas
qual pensas que eu preferia?

No teu—desejos se accendem
de amor em vivos resabios...
— Ai, nesse escritorio de beijos
pudesse eu guardar meus labios!

Por isso, si eu fosse a folha,
librada na aragem fria,
em vez do seio das aguas...
— Qual pensas que eu preferia?

S. Paulo.

HORACIO DE CARVALHO.

O SANDALO

A EMILIO DOS SANTOS

Olhando uma vez no largo mostrador aberto de uma loja, deparei com um bello leque oriental de grandes proporções, astuciosamente facturado, de uma abelhudez de arte encantadora, todo banhado dum colorido intenso, azul, de céu meridional lavado, com desenho pastoris e cheio da tonalidade mimosa e levemente risonha dos chromos finos.

Esse leque, mandára-o vir, penso, uma aristocrata e caprichosa fidalga, de uma elegancia original, de quem se diziam estravagancias.

Era de sandalo.

Vinha deitado sobre a meiga doçura cariciosa de um fôrro de velludo escarlate, numa caixinha de papelão branco chamalotado, tão esguia e comprida que parecia o caixõesinho infantil de uma criancinha abortada, nascida morta.

Ao redor de mim muita gente agglomerava-se empurrando e fazendo «oh!... oh!...», — a admirar ease precioso objecto de luxo que me dava agulhadas de curiosidade e accendia-me uma forte vontade de possuil-o, exaltando-me a imaginação e inundando-me de aroma, mas dum aroma tão suave e delicioso que, ao lembral-o, parece-me ainda sentil-o!

Assim tambem, morena rapariga dos meus olhos, na tua presença morde-me o coração uma vontade intensa de possuir-te — o meu espirito se constella e se exalta como o de um chinês opiado, e fico então, horas inteiras, penetrado do teu sandalo!

VIRGILIO VARZEA.

Desterro.

DULCE

A GUIMARÃES PASSOS

Si tu não foise bella
E si eu assim te visse,
Talvez alma singella,
Até de ti fugisse.

Talvez que indifferente
Eu fosse caminhando
Si o teu olhar fulgente
Não visse rutilando.

Que grande mal fizeste!
Que torvo crime tens!
Até no olhar celeste
Só lagrimas contens.

Que mal que tu me fazes
Com todo o teu tormento!
De todos os rapazes
Sómente eu te lamento.

E certo, ás vezes d'elles
Talvez mais te aproximes.
Emquanto me repelles
Sem que jámais me estimes.

Em tua mão nevada
A taça de crystal!
São elles desgraçada
A causa do teu mal.

Porque não vaes aos poucos
Deixando easas orgias?
Abandona dps louces
As loucas alegrias.

Não zombes d'esta vida,
Que os homons não te adoram...
Si os vés chorar, querida,
Não julgues que elles choram.

Das flôres a mais pura
Bem poderias ser...
E em tua trança escura
Vem tanta flor morrer!

Si tu não fosses bella,
E si eu assim te visse,
Talvez, alma singella,
Até de ti fugisse.

1887.

ARTHUR MENDES.

QUADROS NEGROS

SCENAS DA ESCRAVIDÃO

OROCHE

ORAÇÃO E ESPERANÇA

Dirigiu-se Oroché para uma meza; pegou do um livro já muito usado e abriu deixando vér os caracteres arabes com que era escripto.

— E que livro é esse? interrogou Evelina?

— E' a minha lei *Al-koran*, o livro dos livros, como o *Evangelho* é a sua, Deus é Deus. Jesus Christo e Mahomet foram os seus prophetas.

— Mahomet? E quem foi elle?

— Foi o apostolo de Deus, o Moysés dos arabes, o mediador do genero humano, o zelo dos prophetas o eleito, o glorioso, o glorificado. Foi o remate das obras da criação e que admittido á familiaridade do Eterno contempla apenas na distancia de alguns passos a magestade divina.

Elle disse—Minha oração, meus votos de devoção, minha vida e minha morte, pertencem ao Senhor do Universo. Isto me foi ordenado e eu sou o primeiro musulmano.

Elle disse ainda — Senhor, tu me dêste o poder e me ensinaste a interpretação dos mandamentos. Tu és o meu protector neste e no outro mundo. Faz que eu morra resignado á tua vontade e colloca-me no numero dos venturosos.

— E porque não és Christão? interrogou Evelina.

— Deus, replicou o musulmano, Deus disse ao propheta: — Quem desejar outro culto que não o Islam, que é a resignação, saiba que esse culto não será recebido d'Elle, e elle pertencerá na outra vida ao numero dos desgraçados.

— Mas Jesus Christo é filho de Deus.

— Filho de Maria, illustre neste e no outro mundo e um dos familiares de Deus.

Os anjos disseram a Maria — Deus te annuncia o seu verbo e elle se chamará o Messias. Fallará aos homons ainda no berço e ainda depois e será do numero dos justos. Curará o cego de nascença e o leproso; resuscitará os mortos por missão do Senhor. Os judeus machinaram a sua perdição; Deus machinou a delles e Deus venceu.

Christo é o apostolo do senhor. O seu espirito veio de Deus e foi enviado sobre os passos de outro propheta para confirmar com o *Novo* e o *Velho Testamento*, que é a luz, a direcção, a confirmação. O *Evangelho* contem a direcção e a advertência para quem teme a Deus.

— E o teu *Al-koran*?

— Eil-o aqui. Não é dado aos homons crear outra obra tão sublime nem tão perfeita. Contém preceitos cheios de unção sobre a sua beneficencia e humanidade. Mostra os castigos reservados aos infis. Falla da solemnidade do dia da resurreição. E' a palavra de Deus. Mahomet foi o seu depositario.

Al-koran quer dizer a leitura, livro por excellencia. Chama-se tambem *El-kitab*, o livro; *Kitabullah*, o livro de Deus; *Kilemelulak*, a palavra de Deus; *El-tenzil* o livro de céu; *El-dhichr*, a admoestação; *El-forhan*, a distincção entre o licito e o illicito, o bom e o mau; *El-mos'haf*, o volume.

Os que roubam aos seus semelhantes os preceitos do livro enviado do alto pelo incanto de um vil interesse, inundam as suas entranhas de fogo. Deus não lhes dirigirá a palavra no dia da resurreição, nem os absolverá. Um supplicio doloroso e incomprehensivel os espera.

O *Koran* baixou do céu durante a lua de Ramadan para servir de direcção aos homons e de distincção entre o bem e o mal. A lua de Ramadan é o tempo destinado a abstinencia.

Este livro, proclamou o propheta, não é uma mera invencção. Elle corrobora as Escripturas reveladas outr'ora. Revela a explicação de todas as couzas e dá a prova da graça divina para os crentes.

Em verdade o *Koran* guia ao melhor caminho. Elle annuncia a felicidade aos crentes.

— Porem, Oroché, aonde estrará meu filho. Estrará vivo ou morto?

— Irraflil é o anjo da morte, que recebe o sopro da existencia dos moribundos. Nakir e Mukir são os anjos que interrogam os mortos nos tumulos. Só elles o poderão responder.

Si elle vivo, o verá ainda si assim fór a vontade de Deus, sinão esperará para o grande dia em que o Senhor achatando todas as montanhas, fará da terra uma grande plauicie. Depois nos revocará de nossos tumulos. Erguendo-nos e o louvando, responderemos. E essa eternidade do passado parecer-nos-á apenas um dia.

Annuncia aoe que crém e aos que praticam boas obras que elles terão para morada jardins regados por fios de crystalinas aguas. Sempre que receberem os fructos desses jardins exclamarão. — Eis os fructos com que nos nutrimos outr'ora.

Lá encontrarão lindas mulheres, isemptas de toda a nodoa e lá habitarão eternamente.

— Mas o que devo fazer para saber de meu filho?

— Orações, abstinencias e esmolas. Faça bem, mulher, porque Deus ama o que o fazem. O que pede é justo e pouco. Os homons dizem: — Senhor o nosso quinhão de hens dá-nos neste mundo. » Oh! esses não terão parte na vida futura. Outros dizem — « Senhor, dá-nos o nosso quinhão em duas boas partes: uma neste mundo e outra no outro, e preserve-nos do castigo do fogo. » Elles terão a parte que merecerem. Deus é prompto nas suas contas com os homons.

Rogue a Deus e saiba que elle é tão terrivel nos seus castigos como munificente nos seus beneficios.

— E saberei depois aonde existe meu filho?

— Deus farta os famintos abundantemente e não conta os bocados. Invoque o Senhor em suas orações com humildade e segredo. A oração entretem as relações entre o creador e a creatura. E' uma tarefa, mas não para os humildes.

Terminada a oração, pense ainda em Deus, quer em pé, quer sentada, quer deitada. Lembre-se de Deus sempre, como sempre se lembra de seus paes. Siga em tudo e por tudo as maximas da virtude.

Virtuosos são os que crém em Deus e no dia derradeiro; nos anjos, no livro e nos prophetas.

Virtuosos são os que dão por amor de Deus socorro ao proximo, e aos orphãos, e aoe pobres, e aos viajantes, e aos que pedem, para remissão dos captivos.

Virtuosos são os que observam a oração, dão esmola, guardam os contractos que celebram e mostram-se pacientes na adversidade, nos tempos duros e nos tempos de violencia. Elles são justos e temem o Senhor.

— E tu pedirás tambem commigo ao teu Deus?

— Por tua gloria *sobhanaká!* exclamou Oroché Deus disse: Não adorarás dois deuses. Deus é unico. Assemelhe-o a tudo quanto ha de mais elevado.

Tomou depois Evelina pelo braço e conduzio-a ao seu aposento. Offereceu-lhe agua para ablução, dando elle o exemplo e murmurando certas palavras, e depois pegou de seu turbante e o cingio e envolveu-se em seu manto branco.

— Eis aqui o meu oratorio, a minha *mesdjid* ou mesquita, ajuntou elle abrindo uma porta.

Evelina que esperava ver antes nm gabinete de prestidigitación ou para melhor dizer o antro do feiticismo, ficou admirada da simplicidade da pequena sala de oração.

Um tapete sobre o chão, lampadas accezas pendentes do tecto como formando uma abobada e nada mais.

Descalçou-se o musulmano e penetrou na sua mesquita e posternou-se com a face em terra balbuciando os seguintes versiculos arabes:

Leuvor a Deus, Senhor do Universo. O Clemente, o virtuoso! Soberano no dia da retribuição.

Nós te adoramos e imploramos o teu socorro. Dirige-nos pois em teu caminho, no caminho dos que estão cheios de teus beneficios e não dos que tem se afastado delle e dos que tem merecido a tua colera.

Evelina que tambem se descalçara estava de joelhos e de mãos postae. Ella orava mentalmente repetindo orações christãs.

Ergueu-se o musulmano.

Consultemos, disse elle abrindo o seu livro, *al-koran*, que é a palavra de Deus.

E leu o seguinte:

— Elles te consultarão.

Dize-lhe:

Deus instruir-nos-á acerca de parentes ausentes... Deus sahe todas as coisas.

E retiraram-se.

Escreveu depois Oroché num papel e em caracter arab cos essas palavras e dobrando o papel o cozeu em outro, encerrou-o num saquinho de couro, prendeu-lhe um cordãozinho e lançou ao pescoço de Evelina.

— Só isso? perguntou ella admirada.

— Crentes, sede pacientes, respondeu elle lendo no seu livro. Sede firmes e temeí a Deus — sereis felizes!

Depositou Evelina uma moeda de prata eobre a meza do alufá, e agradecendo ia despedir-se...

Repetio o alufá em voz baixa estes versiculos do seu livro:

O que boa obra fizer de seu proprio motu receberá uma recompensa, porque Deus é reconhecedor e conhece tudo.

Offertou Oroché o seu almoço — um pouco de pão e algumas laranjas.

— Veja, disse elle, é quasi sempre a minha ração. O propheta não comia mais do que um pouco de pão de cevada, leite e um punhado de tamaras.

Esta correia, com que cerro o ventre, é bastante para fazer calar a fome.

Retirou-se Evelina, levando n'alma a convicção de que se encontraría ainda seu filho.

Profunda impressão lhe causaram as palavras do musulmano.

Para Evelina era um mysterio a sua illustração por isso que as suas maximas se envolviam em mysterioso véo.

Admirava sabre tudo o bom senso e a prudencia que observára em suas acções e discursos.

Não voltou mais a estes sitios a pobre Evelina e si voltasse encontraría fechada a choupana do pobre alufá, depois de ter sido varejada pela policia.

Os livros do pobre musulmano foram apprehendido, e elle conduzido a prisão como impostor, feiticario e perigoso, ordem publica.

J. NORBERTO DE S. S.

A UM SUICIDA

Tu, sim; tiveste a tragica coragem de lançares-te ao Nada heroicamente! Não te agarraste ás bordas da voragem, fraco e trememente...

Viste que não ha nada nesta vida, onde não brote a sensação da Dór e que a nossa existencia vaé perdida, fragil embarcação sempre batida num mar cheio de horror.

Viste, e tiveste a nobre heroicidade de romper olegado do atavismo ; tiveste a crença desta nossa idade, — mergulhaste no abysmo !

Dizem que ó covardia... E, no entanto, tremem junto do lugubre caírel... Dizem que é covardia... E o medo é tanto que — só para viver — negam o pranto, negam a dôr cruel...

Eu quizera lhes dar o calafrio que me sacode os nervos doloridos, que me agita a medula e que, sombrio, me entorpece os sentidos,

quando eu penso no fim desta existencia ; na Morte : a tétrica . a feral visão ! e sei que ha de extinguir-se a Consciencia e as Formas rolarão na turbulencia, do eterno turbilhão !

De que serve luctar ? ser justiceiro ? ser virtuoso e nobre e corajoso ? si a todos tiaga o abysmo derradeiro do Nada pavoroso...

O teu corpo amanhã será rebento de lyrio branco, virginal, gentil ; serás pasto de estúpido jumento e sentirás da vida o movimento novamente febril...

e volverão e volverão dispersos teus átomos de novo em novas fórmas, em corpos mil, em turbilhões diversos, da Vida sob as normas !

E, no entanto, que é da tua bella intelligencia indómita e vivaz ? O que te resta ? o que te resta della, quando a Consciencia tua já não vela teus restos immortaes ?

Tens o *sér* e o *não-sér* amalgamados... Hontem luctavas — corpo e alma — unidos ; hoje restam sómente, despresados, restos perdidos...

Eis a nevrose estranha que me irrita : este medo da Morte... este terror... Pensar que á seiva que minh'alma agita ha de tragar emfim — ninguem o evita do Inconsciente o negror !

E não me apêgo aos ídolos que mentem... E não procuro as illusões brilhantes... Meus olhos, sempre abertos, vêem, sentem estas sombras hiantes !

Por isto eu te saúdo... A ti, que a Morte ousaste sem receio procurar ! Vencendo o medo que me deu a Sorte eu : covarde — quizera, ousado e forte, teu arrojio imitar !

MEDEIROS E ALBUQUERQUE.

A SEMPRE-VIVA

Amanhecia ; os primeiros clarões da aurora dissipavam no céu as ultimas sombras da madrugada. Pouco a pouco a cór lactea da alvorada é substituída pelas rubras tintas do arrebol e, lentamente, por traz das serras apparece o sol, derramando a flux torrentes de luz. Myriades de passaros com os seus trilos cadenciosos, saudam contentes os raios refulgentes d'um esplendido sol de

Abril, e por entre as acacias floridas, ouve-se o arrullar meigo dos juritys. O ar fresco e sereno da manhã é impregnado do aroma delicioso de uma infinidade de flôres odoríferas, que se ostentam deslumbrantes, banhadas pelo rocío matutino.

Meio escondido por entre as ramarias em flôr, via-se um elegante chalet, cujas janellas conservavam os stores hermeticamente fechados, á excepção d'uma, onde se desenhava o perfil gracioso formosa moça.

Havia tanta suavidade nas linhas harmoniosas e puras do seu rosto moreno, tão inextinguível meiguice na expressão doce e pensativa dos seus olhos negros e fascinantes, que ninguem podia vê-la, sem que se sentisse logo subjugado por um irresistível impulso de sympathia. Entretanto por uma dessas pungentes ironias do destino, aquella manhã tão risouha e festiva surprehendera Natalia immersa em inexprimível angustia a chorar, soluçando inconsolavel a perda do seu primeiro amor.

Toda a noite inquieta e agitada com o olhar febril, passeava pelo seu elegante *boudoir* como uma allucinada, tendo entre as mãos crispadas, algumas flores seccas, tristes despojos dos sonhos dourados que phantaziara, e agora lhe despedaçavam o coração depois de lhe terem desencantado o espirito.

Natalia amava, com toda a effervescencia dos seus vinte annos, a um joven com quem deveria esposar-se no prazo de dois mezes ; mas o espirito superficial, leviano e versatil do noivo, bem depressa, fez-lhe olvidar os seus protestos de lealdade inquebrantavel, rendendo culto a outro ídolo ! A sua traição veio subitamente, qual nuvem escura, offuscar a meiga aurora daquelle decantado idyllio. Todavia, apezar das provas convincentes da ingratição do noivo, ella ainda tentara um ultimo esforço para reagir contra a evidencia esmagadora que a acabrunhava, e assim lembrou-se de exigir delle as penhores de affecto que em outros tempos lhe tinha dado.

A ingenua e credula moça ousava esperar que o noivo não accederia ao seu pedido, e que pelo contrario conservaria-os-hia como grata recordação do passado.

Mas todas as suas illusões, todas as suas esperanças e todas as suas crenças dissiparam-se ante o desdem altivo com que o moço a fulminou, entregando-lhe tudo. Ah! estava o seu primeiro *bouquet* de violetas ; o segundo preso a um lacinho de fita verde, e mais uma dourada sempre-viva, cujas petalas incôdoras ostentavam-se deslumbrantes e garidas, como a mais casquilha das loureiras.

Natalia tremula de commoção e de despeito, apertava entre as mãos aquellas pobres flôres, que lhe queimavam a epiderme, fitando-as sem vê-las ; mas simulando uma frieza e indifferença que estava bem longe de sentir. Incapaz de sustentar por mais tempo a sua apparente tranquillidade, afastou-se sózinha para o seu quarto, sentindo as lagrimas affluirem-lhe do coração aos olhos. E, foi só depois de alli chegar, que se abandonou sem testemunha ás torturas cruciantes do amargo desgano que, como a lamina d'um punhal, lhe rasgava o coração ultrajado. Nas convulsões da crise, do seu violento desespero, abriu a janella de par em par, como se sentisse asphixiar no explosir dos soluços que lhe irrompiam do peito.

Quando as brisas frescas da madrugada penetraram no gabinete de Natalia ella ainda chorava, sentada junto á janella, tendo a cabeça apoiada sobre uma das mãos. O seu bello rosto, aljofrado de lagrimas, tinha a pallidez do marmore de Carrara. Os seus olhos negros intumescidos pelo pranto, estavam mais animados, e através do bistro das olbeiras roxas despediam scintellas phosphorescentes.

Erguendo-se deu distrabidamente alguns passos, e parou defronte de um pequena secretaria de ebanu. O seu olhar fixou-se então com demorada insistencia sobre as florinbas que alli jaziam esparsas.

As pobres violetas fanadas e resequidas dobravam-se sobre as frageis hastes e retrahiam as

suas petalas d'um roxo desbotado, parecendo chorar como ella a ingratição do amante desleal, envoltas no luctuoso véu de sua inconsolavel tristeza. Mas n sempre-viva com o seu amarello d'um brilho ardente e caustico, a palpitar de seiva, punha uma nota aguda e discordante no meio do silencio desolador daquelle gabinete onde Natalia sentia-se morrer, dilacerada pela sua pungente magua.

Por vezes a moça tiavern impetos de despedaçal-a e calcal-a aos pés ; fechava os olhos como se a não quizesse vêr, porém a sempre-viva attrabia-a, dominava-a e, por singular fascinação, reapparecia-lhe na mente escaldada, a dardejar fagulhas, a torcer-se qual um *piérot*, sempre perfida, sempre zombeteira, comprazendo-se em exarcebar-lhe as angustias. A moça não pôde conter-se por mais tempo, no auge do despeito apoderou-se da flôr e, sacudindo-a violentamente, arrojou-a pela janella fórn.

A pobre florzinha, depois de revoltear alguns instantes no espaço, foi cair aos pés d'um passaiante matinal que, justamente áquella hora, passava junto do elegante chalet.

Elle ergueu immediatamente os olhos e viu desenharse na janella o vulto flexível e escultural de Natalia.

O sol illuminava-a toda com os reflexos de sua luz, dando-lhe na fronte o brilho de uma aureola celeste. Jamais a moça lhe parecra tão bella, estava seductora ! O desconhecido saudou-a com um sorriso insinuante, lançando-lhe ao mesmo tempo um profundo e ardente olhar. Em seguida, com incrível presteza, curvou-se apanhou a flôr e guardou-a no peito. O seu movimento, rapido e quasi imperceptível, não escapou ao olhar de Natalia, a qual, corando e empallidecendo successivamente, desapareceu na penumbra, sem mesmo corresponder ao cumprimento do moço. Ha muito que elle amava-a em silencio, preferindo-a a todas, mas no fundo de sua alma guardava o segredo do amor que lhe queimava o coração. Orgulboso e um tanto reservado, por coisa alguma teria coragem para confessar-lhe a sua paixão, uma vez que ella parecia desdenhar, ou não queria comprehender a preferença que sempre manifestavalhe. Entretanto no acontecimento que acabava de testemunhar, o qual muito longe estava de imaginar que fosse um simples effeito do acaso, e á vista da extrema perturbação de Natalia, o moço julgou ter adivinhado o segredo dos seus mais intimos pensamentos.

Pela primeira vez elle sentiu os jubios inefaveis de amar, e ser amado, parecendo-lhe que a florzinha unida ao peito lhe segredava mysteriosamente um mundo da revelações ignotas e dulcissimas.

Quantas vezes o destino de uma creatura depende de uma carta !... Estas palavras que V. Sardou faz exclamar a um dos seus personagens, podem ter alguma applicação aos herôes desta despretenciosa narrativa, cujos destinos apenas dependiam d'uma simples flôr.

Alguns mezes depois, quando o moço, radiante de felicidade, mostrou a Natalia então sua esposa, aquella sempre viva d'um brilho ardente e caustico, parecendo ainda palpitar de seiva, ella por unica resposta curvou a cabeça sobre o hombro do marido, como para disfarçar o enleio que sentia. E' que flôr acabava de cravar-lhe n'alma, como o agudo hico d'um estylele corso, a pontinha d'um remorso.

ANALIA FRANCO.

BODAS CELESTES

Uma só vez te vi, um só momento ;
Mas o que faz a brisa com as palmas
E' o que faz em nós dois o pensamento
Assim, são, mesmo ausentes, nossas almas
Duas palmeiras casadas pelo vento.

САНРАМОР.

EMBRIAGUEMOS-NOS

Embriaguemos-nos; pouco importa
Qual seja o vinho: o que é mister
É esquecer a cbymera morta
E a dôr que punge adormecer.

Feche-se ao tédio infame a porta;
Abra-se a porta do prazer.
No ouro, na gloria ou na mulher
A embriaguez é o que conforta.

O' taças rubidas de vinho
Fervei! enchei-vos, á feição
De labios de onde o amor transborda.

Para o espirito que recorda
Fervei o vinho do carinho
O' labios, taças da paixão!

ALCIBIADES FURTADO.

POETAS MINEIROS

II

CLAUDIO MANOEL

A Conjunção Mineira! Quem ainda não ouviu fallar dessa hecatombe sublime, desse drama sangrento em que imperaram scenas as mais borriveis a par de actos os mais brilhantes?! Ninguém; principalmente na provincia de Minas, ninguém ignora que houve uma conspiração, cujo intuito era reagir contra a prepotencia estulta de um governo absoluto que servia de estorvilho á marcha do Progresso. Em Minas o drama da Inconfidência é uma tradição sacrosanta já: balbuciada pelas crianças que a escutam das ternas mães patrióticas, como sóem ser as mulheres mineiras, e articulada pela mocidade em fogo, como que se evola, como que se impregna na atmosphera, como que se identifica com os queixumes dos ribeiros e com os echos longinquos das montanhas! Todos nós quando sobraçamos o livro e nos vamos pressurosos ao lyceu receber os doutrinamentos do mestre, lá encontramos a esvoaçar a ballada da independencia, a guerra do quinto, conforme lhe chamam os cápiras.

É que o acontecimento iniciado em Villa-Rica e terminado na praça de São Domingos, calou muito fundo na alma patriótica dos filhos de Minas! É que o esquarteramento do Tiradentes, sentença barbara de um despotismo sem nome, não esbaceou o caracter proynciano: regou com as lagrimas da Patria a semente da Liberdade, o germen da Nacionalidade Brasileira.

Neste facto memoravel o poeta Claudio Manoel da Costa tomou parte activa. « Já então com 69 annos de idade feitos, uma só vez interrogado, em 2 de Julho de 1789, acovardou-se excessivamente: attribuiu sua desgraça a castigo da justiça divina, declarou que pedia perdão ao governador, protestou que não estava em nenhum plano de conspiração nem acreditava nella. O estado, porém, de allucinação em que se achava o seu espirito fez avultar o alcance de conversações intimas que tivera com seus amigos, ou revelações que estes lhe haviam feito, depois das idéas lançadas pelo Dr. Maciel (1) e o Tiradentes, (2) e muito os veiu a comprometter. Dois dias depois foi encontrado no carcere, suspenso de um armario, havendo-se enforcado com uma liga. » (3) Comquanto seja o autor deste trecho um historiador afamado, não deixou de propender para a politica ao relatar esta tragica historia, esquecendo-se ainda de intercalar no texto a versão de que Claudio fóra assassinado na cadeia, como suppeem alguns autores. (4)

(1) José Alvares Maciel.

(2) Joaquim José da Silva Xavier.

(3) VISCONDE DO PORTO SEGURO, *Historia geral do Brazil*.

(4) F. Denis, Charles Rebeyrolles e *Almanak de Minas* anno I, nota 3, pag. 58.

A traição ignominiosa de Joaquim Salterio seria capaz de produzir até factos piores! Por denuncia deste Portuguez é que frustraram-se todos os sonhos de liberdade, da *Libertas quæ sera tamen*, de Alvarenga Peixoto, ou de *Aut libertas aut nihil*, de Claudio Manoel. O Herodoto brasileiro continuando diz: « Aos 18 de Abril de 1792 proferia a dita alçada o accordam, e na conformidade das leis eram condemnados á morte, enforcados com infamia, o Tiradentes, Alvarenga, (5) Freire de Andrada, (6) o Dr. Maciel, Abreu Vieira, (7) Vaz de Toledo, (8) Oliveira Lopes, Vidal Barbosa, os dois Rezendes e Amaral Gurgel, ficando-lhes infamados os filhos e netos, e sendo confiscados os seus bens. » (9) A sentença que condemnou o poeta é do teor seguinte:

« Claudio Manoel da Costa, natural de Mariana, 60 annos, solteiro, ex-secretario do governo e advogado, residente em Villa-Rica: — Declarado infame. » (10) Esta ultima decepção não o encontrou mais: já a terra se apoderára daquelle a quem dera o sopro da vida!

Claudio Manoel da Costa, nascido em Mariana 6 de Junho de 1729, formou-se em direito pela universidade de Coimbra, viajou á Italia e exerceu em Ouro-Preto a advocacia até que foi preso, suicidando-se no carcere em 1790. Escreveu sonetos como Petrarca e Camões, cantatas como Metastasio, algumas odes e o poema *Villa-Rica*. Dos seus sonetos destacaremos o seguinte, em que ha bellezas de forma a par de lindissima concepção:

« Nize, Nize, aonde estás? Aonde espera
Achar-te uma alma que por ti suspira,
Si quanto a vista se dilata e gyra,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! si ao menos teu nome ouvir pudéra
Entre esta aura suave, que respira!
Nize, cuida que diz... mas é mentira!
Nize, cuidei que ouvi... e tal não ora!

Grutas, troncos, penhascos da espessura,
Si o meu bem, si a minha alma em vós se esconde,
Mostrai, mostrai-me a sua formosura!

Nem'ao menos o echo me responde!
Ah como é certa a minha desventura!
Nize, Nize, onde estás? Aonde, aonde? »

Boutterweck, Denis, Sismondi, Balbi, Costa e Sá, Garrett e outros escriptores de nomeada fazem a Claudio os maiores elogios. « É indubitavelmente um dos poetas mais illustres que produziu o solo americano. » (11)

LAFAYETE DE TOLEDO.

- (5) Ignacio José de Alvarenga Peixoto.
(6) Francisco de Paula Freire de Andrada.
(7) Domingos de Abreu Vieira.
(8) Luiz Vaz de Toledo Piza, natural de Taubaté, irmão do padre Corrêa de Toledo e sargento-mor da cavallaria de S. João de El-Rei.
(9) VISCONDE DO PORTO SEGURO, *Obra citada*.
(10) TIRADENTES (Franca), anno I, 1836, n. 10.
(11) PEREIRA DA SILVA, *Varões illustres do Brazil*, tom. II, pag. 68.

CONVERSAS DE AMOR

Nunca mais linda a natureza fóra
Tanto me lembro... Azul... azul profundo
O céu — e no enfunado centro a loura
Face do sol a desmaiar o mundo.

Nunca de flôres fóra mais fecundo
O sólo. No caminho a scismadora
Frente lhe encho de beijos. Sigo e agora
A alma no gozo e todo o corpo afundo
Vens a meu lado, vens! Teu alvo braço
Unido ao meu! Seguindo a rir! Parando
As vezes a mirar o azul do espaço!

Ninguém nos vé! Teus labios humedecem
Meus labios — Vamos sempre conversando
Que as conversas d'amor nunca aborrecem.

MARIO PEDERNEIRAS.

A VIDA NAS PRAIAS

A F. MOREIRA DE VASCONCELLOS

Ah! a vida nas praias! a vida nas praias!
Pela manbã a claridade etherificada e igual
que avelludece as perspectivas convida-nos aos
bellos passeios pittorescos sobre a areia clara das
praias—passeios que têm tanto de artistico como
de scientifico.

Artistico porque nos dão a firmeza da linha
esthetica na imaginação que recorda viagens sobre
mares calmos, horisontes novos, largos jorros de
vida saudavel e de frescura matinal nas toldas de
navios transatlanticos, quando em antes do almoço
de bordo se estuda e se observa a binoculo os pon-
tes affastalos da natureza que se illuminam pouco
a pouco com o dia.

Scientifico porque se estuda tambem um modo
pratico, intuitivo e gracioso de insuflar azote no
sangue, de tornar temperada a estravagante tem-
peratura do corpo, de oxigenar o cerebro cujo
phosphoro se accende de atticismo e de bom humor.

A vida nas praias é uma especie de educação
physica dos nervos que gymnasticam e ficam pre-
parados para todas as evoluções musculares que
dão á rijeza das formas essa apparencia da forte-
za seivosa dos troncos das arvores.

E as ondas esfarellando-se numa espumarada
branca de champagne ao longo das praias, têm o
ingenuo ar de candidez do desenho d'A Natividade,
de Wagner, sob uma nitida gravura de Baude.

— Os temperamentos asper s e montanhosos
como que se docilizam, como que se amaciam rece-
bendo as emanações de saude e força vital que as
marés lhes infiltram; emquanto que as epidermes
anémicas, mordidas pela chlorose enervante das
grandes paixões que gelaram, tornam-se sangui-
neas, tomam côr, da mesma forma que o fructo
amadurece e se ruborisa aos ardentes clarões so-
lares.

O sentimento vegetal que vem da existencia
passada em prados, entre seáras e campos agri-
colas, tem um que de correlativo e harmonico com
a vida nas praias.

Ha em ambas as vidas uma completa aфинаção
de detalhes, o mesmo tom geral quasi.

A vida nas praias é a vida na natureza livre,
no vastissimo lar de todos nós, cujo tecto azul, lá
no alto, se arredonda concavo sobre as nossas ca-
beças.

A vida vegetal, a vida dos prados, das seáras
e dos campos agricolas é a vida primitiva a vida
livre tambem, a vida pagan, a vida das vinhas car-
regadas de saborosas uvas maduras, como de ame-
thystas, a vida dos primeiros israelitas que iam, ao
morrer, abrir e armar as tendas floridas das suas
almas nuas e chans no doirado territorio da gloria
eterna, onde uma alluvião de pombinhos alvos,
emissarios do Espirito-Santo, os havia de receber e
arrulbrar em redor das suas frentes venerandas co-
roadas e sagradas pelo resplendor dos cabelos
brancos.

E, por um desses dias que amanhecem enne-
voados, cerrados dos reposteiros das neblinas e que
depois surgem resplandecentes, vertiginosos de sol,
com um azul muito intenso bruido no céu, num
desses dias que parecem emergidos de um banho de
ouro fluido, dá um consolo e uma satisfação tama-
nha passeiar á beira das praias, com os altos soce-
gos da voz, contemplando o effeito ridente e sereno
da marinha, quando na lactea transparencia casta
do ar vóam as aves em circumvoluções pela paysa-
gem toda e que a gente as segue demoradamente
com a vista lembrando-se de viajar, assim como
ellas, de prender nas suas azas a alma como a fita
verde da esperanza, uma vez que não pôde prender

o corpo — pesado chumbo que mais tarde a terra ha de achar tão leve como uma penna e devorar sem esforço nem piedade!

E o nosso espirito artistico, batido pelas impetuosidades hygienicas das aragens frescas do mar, sente-se rejuvenescido, vitalizado, num renascimento e numa efflorescencia de rosas brancas, como um viajante electrizado no forte ambiente de luz de uma purpureada aurora dos tropicos.

Pela exuberancia da cor e pela placidez da hora matinal a vida nas praias identifica-se com o systema nervoso e applica ás expontaneas e disciplinadas organizações litterarias uma ducha salutar de verve e de critica—dessa critica e dessa verve que nasce da retina e da idéa passeada pela grandioso panorama da natureza, sob uma rigorosa lente de observação e de analyse em ordem.

E, quando chegam as amenissimas tardes delicias, de branda calma, tardes enriquecidas pelas accezas e flammejantes pedrarias do occaso, e que o tenue flô das nuvens leves e volantes se rarefaz e se adelgaça, é agradável á viva percepção dos sentidos, o doce á delicadeza material do olfacto e dos olhoe ver passar para o banho as mulheres cor de jambo e cor de perola, cujos perfis, movendo-se em flexões suaves e balanceadas, lá se vão mergulhar na onda clara surgindo della frescas, palpitantes e macias como a carne polposa, rosada e tenra das creanças cheirosas de vida e babadas de leite eus-pensas ao collo protector e tépido das mães.

CRUZ E SOUZA.

Desterro.

CARTA DE AMOR

Perguntae-me com quantos ternos beijos
Poderás saciar os meus ardôres.
Como as vagas do mar, oh meus amores!
Não tem conta tambem os meus desejos.

Quero-os aos centos, quero-os aos milbares:
No prazer vae-se rápida a existencia.
Não cansa a brisa de eorver a essencia
Dos laranjaes em flôr e dos palmares.

Une os tous labios, pois, aoe meus sedentoe
Do goeo divinal, capaz, quem sabe?
De transformar os sec'los em momentoe.

Mas, ah que insânia a minha! não me cabe
Tantos beijos pedir-te assim, aos centos:
Um só me baeta, um só que não se acabe.

CARLOS LUIZ.

A mulher é uma mercadoria

Serei talvez á primeira vista mal recebido pelas distinctas leitoras pelo facto de encimar a columna que pretendo occupar com tão aspera e extravagante epigraphe.

Duplo resultado intento obter em procedendo assim:

Chamar de snbite as suas illustradas attenções de involta com a curiosidade e gozar da surpresa que indultivamente lhee proporciono.

A mulher é uma mercadoria!

E' incrível que do labios humanos se desprendesse tão asatica aserção!

Ouvi-a, ou antes traguei-a nos ouvidos, bem a meu pezar; e desde logo me propiz a minutar em resposta a minha opinião a tal respeito.

As estimaveis leitoras usarão por certo para commigo da bondade e paciencia de que são naturalmente dotadas, attendendo á falta de recursos de que disponho para entrar em tão renhida lucta; e reconhecendo em mim um fraco, mas dedicado defensor, baixarão de bom grado o meu indulto pela ousadia de lançar mãos, no decorrer da empreza, até mesmo de sagradas reliquias depositadas no recondito e vedado sacrario que lbes embeleza o perfil.

Serei por sem duvida quanto a esta parte desculpado, visto como um unico meio descubra para fazer cahir a mascara a quem quer que seja, e assim triumphantemente erguer a mulher.

Analysa, pois, a mulher no que diz respeito aos seus costumes, no transitar amargo da existencia sobre a terra.

Colloco-lbo em frente o homem; e me conveção de proporcionar-lbe um instante ao menos de commoção, diante do quadro que, embora esboçado com acanhados pinceis e desbotadas tintas, não deixará por sem duvida de lbe despertar o remorso.

Desprendida dos braços de Deus, cahiu do céu sobre a terra a mulher, ente angelico, e seductor; e como incontestaveis vestigios das mytbologicas divindades, quemerecidamente representa, parece que fora destinada aos mais cruciantes e amargos soffrimentos.

Chegada á idade fatal, em que a doce e natural chamma começa a lamber-lhe o coração, incauta, muitas vezes, e ainda sorridente entre os braços indecios da innocencia, enfrenta-se com o homem, anjo ou demonio.

Salta-lhe no virgineo peito, cofre de mellifluas delicias, o travesso e insoffrido escravo da tyrannica e capricioea vontade da féra, malevola e des-respeitadora criança.

E', pois, chegado o tempo em que o anjo, destinado á conservação da harmoniosa e indispensavel natureza, vé tudo, através do prisma das illusões, nadando em um mar immenso, entonado de roseas e seductoras côres.

Não podendo, em tão criticas circumstancias, soffrer por mais tempo os impulsos que lbe agitam o peito, busca extrahir pela raiz o corpo, como que extranho, que dentro delle pulsa, e que já lbe não parece pertencer.

Cava com timidos e niveos dedos em dirocção ao labyrintho, e arranca-lhe a precioidade que parece menosprezar.

Tremula e convulea, envoltas as faces em marchetado véu de candidos jasmims e roseas boninas, busca desfazer-se do obice que entente torturar-lbe a doce e invejavel existencia.

Vaga a tóa com incerto e indeciso passo pela senda tortuoosa da primavera infantil, até que, obedecendo á força inatica de uma coerente magica que a conduz ao precipicio, depara com o alvo a que julga dever atirar o projectil de fogo que lbe escalda as mãos.

Toma-a resoluta, nas pontas dos tremulos dedos e, quando intenta descarregar o tiro, buscando medir a distancia que lhe pescreve o decoro, eis que neihuma distingue; eis o alvo, que, por uma estupenda e contraditoria lei, a encravar-se vem no projectil.

Detem-te homem! anjo ou demonio! Respeita as vestes virgineas que te impedem o passo ao escurecer-te a vista! Curva-te de joelhos ante a filha do céu! Accetta-lhe, si és um anjo, o precioso mimo que te offerece, e guarda-o cuidadoso!...

Foge para os abysmos d'onde vieetes, si és um demonio, e deixa que a pobreinha volte a guardar no logar d'onde tirou o unico thesouro que á Providencia prouve-lhe confiar! Faze um sacrificio!

Reanima-lhe as forças ajudando-a em tão arduo e arriscado trabalho!...

Chega finalmente a mulher á phnse hypothetica a que se destina.

Tem de um lado o anjo, e de outro o demonio.

Aquelle vé pendente de seus tremulos dedos o pômo salutar, unico capaz de abrandar a sede de amor que naturalmente a devora; aproxima-se com sinceridade religiosa; arranca tambem de seu peito offegante um outro de não menos valor, que dentro do mesmo por seu turno pela meema forma já lbe não parece pertencer; e por mutuo accordo e prévia conveção, veem-se preencbidos os dois vacuos por uma e outra preciosidades permutados e unificados.

A. P. DA ROCHA.

Ouro Preto.

(Continúa)

THEATROS E DIVERSÕES

O HOMEM

A curiosidade, despertada pelo apimentado titulo desta revista theatral, attrahiu tantos espectadores ao Eden-theatro no dia de estrêa, que bem se pôde dizer que houve maie do que enchente, — bouve transbordamento, sinão verdadeira apoplexia de publico.

O romance de Aluizio Azevedo, que deixou a muitos leitores e *habitues* de nossos theatros com o bico doce e a suspirar por mais, foi o pretexto para a conhecida viagem episodica em torno dos acontecimentos do anno.

Não externamos com toda a franqueza o nosso pensamento sobre o merecimento do novo trabalho de Artbur Azevedo e Moreira Sampaio, no que toca a sua contextura litteraria, porque é quasi impossivel conseguir-se a audição, por inteiro, de uma peça desta ordem no meio do tumulto que acompanha uma primeira representação. O espirito dos dois comediographos é, entretanto, tão conhecido, que seria injustiça collocar *O Homem* em plano inferior ao *Mandarim* e ao *Bilontra*, as duas mais completas caricaturas que se tem feito na linha exacta das tendencias brazileiras.

Quanto ao que diz respeito ao *metier*, permittamos, porém, os sympaticos escriptores que lbes digamos, resente-se a revista de um grande defeito: — é monotonia. Todavia devemos acrescentar que essa monotonia deriva, não da peça, mas do publico. A razão é simples: — os moldes são os mesmos e já era tempo de varial-os.

Essa censura tem maior cabimento ainda, porque um dos comediographos é medico, e deve saber perfeitamente que a repetição do acto e o habito embotam a sensação.

O Homem poderá ser a melhor das revistas exhibidas pelos autores; mas, vindo depois das outras, comprehende-se que tem contra si a falta do elemento capital, que é a *surpresa, a novidade*.

Comtudo o publico applaudiu justamente diversos numeros de musica e as allusões de mais relêvo contrapostas ao indifferentismo da época. Entre outras citaremos — a scena de hypnotismo, a divida Lambertí, e a chula do marinheiro Bernardo.

A encenação foi magnifica, e os actores desempenbaram-se perfeitamente dos respectivos papeis, sobreabindo o Colás, que para o genero, noe parece, não encontra competidor. Deu-nos um Romão José de Lima de *primo cartello*.

O publico, na parte composta da colonia portu-gueza, mostrou-se muito lisongeadoo com a *apothecae* do Gabinete Portuguez e com a exhibição do Ramalho — Mattos.

HIPPODROMO GUANABARA

Realisou-se no domingo proximo paseado uma excellentee corrida n'este hippodromo. A concurrencia foi grande e o divertimento esteve animadissimo.